

Na Fazenda dos Tucanos: entre o Ser e o não Ser, o Poder no meio ¹

Luiz Roncari

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao autoconhecimento.

A imanência do sentido exigida pela forma é realizada pela sua experiência de que esse mero vislumbre do sentido é o máximo que a vida tem para dar, a única coisa digna do investimento de toda uma vida, a única coisa pela qual essa luta vale a pena.

Georg Lukács, *A Teoria do Romance* ²

RESUMO: O episódio do *Grande Sertão: Veredas* que se passa na chamada “Fazenda dos Tucanos”, do meu ponto de vista, inicia de fato a segunda parte do romance, a épica. É quando se torna mais intenso o seu tempo de guerras e põe em cheque a formação do herói. Ele toma consciência de que precisa se superar, o que o acabará levando para a tentativa do Pacto. Isto acontece depois da morte de Joca Ramiro. O grupo de jagunços ao qual pertenciam Riobaldo e Diadorim, depois de passarem a ser comandados por Zé Bebelo, se estabelece numa Casa-Grande recém-abandonada, onde são encurralados pelo bando do Hermógenes e Ricardão. De perseguidores em busca da vingança da morte do antigo chefe, Joca Ramiro, eles são sitiados pelos seus executores. É um dos momentos mais agudos do livro, que culmina com a matança dos cavalos - ato aparentemente gratuito, mas de extrema crueldade, que talvez só sirva para revelar o grau de ferocidade dos opositores. Os embates entre os bandos mostram como será renhida a luta entre eles e a quantas o de Riobaldo e Diadorim terá que passar para realizar o seu intento de vingança. Isto compõe a camada épica da narrativa, a mais visível. No entanto, subterraneamente, desenvolve-se uma outra trama, agora dramática, como uma sub-história, porém como o seu núcleo mais efetivo: o embate entre Riobaldo e Zé Bebelo. É nesse embate que se

1 Uma versão resumida deste estudo será apresentada no V SIMELP, na Università del Salento, Lecce, Itália, em outubro de 2015. Ele é parte dos resultados de meu projeto de pesquisa sobre o romance de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, apoiado pelo CNPq, do qual sou bolsista. Ele fará parte também do 2º. volume de meu livro: *O Brasil de Rosa: luta, violência e morte*.

2 Georg Lukács. *Teoria do Romance*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 82

coloca para o herói a questão incontornável do Poder e da Chefia, quando o herói toma consciência de que não poderá mais ficar alheio a eles.

PALAVRAS-CHAVE: O épico e o dramático num episódio do *Grande Sertão: Veredas*; A questão do poder e da ética num episódio do *Grande Sertão: Veredas*; Os desafios ao herói no *Grande Sertão: Veredas*; As camadas narrativas num episódio do *Grande Sertão: Veredas*

ABSTRACT: The episode of the novel *Grande Sertão: Veredas* (The Devil to Pay in the Backlands) that takes place in the “Toucan Farm”, in my view, is where the second part of the narrative, the epic, commences. It is when the periods of battles is more intense, and when the hero’s character is put to test and forged. He becomes aware that he needs to surpass himself; and this will steer him towards entering into a pact with the devil. This happens after the death of Joca Ramiro. The skulk of jagunços of Riobaldo and Diadorim were party too, under the command of Zé Bebelo, settles in a recently abandoned farmhouse, where they were surrounded by the Hermógenes and Ricardão’s band. After pursuing revenge for the death of Joca Ramiro, their former leader, they are besieged by their killers. It is one of the most acute moments of the book, that culminates with the slaughter of the horses – an apparently unmotivated act of extreme cruelty, but important to reveal the ferocity of the enemy. The clash between the two groups show how brutal the fight and how long and arduous the war Riobaldo and Diadorim will have to wage to obtain revenge. This part of the book makes up the epic layer of the narrative, the most visible one. However, beneath the surface, another plot unfolds, this one dramatic, like a sub-story, but with a more effective core: the combat between Riobaldo and Zé Bebelo. It is during this conflict that the hero is faced with the inescapable question of power and command, which he can no longer ignore.

KEYWORDS: The epic and dramatic in the *Grande Sertão: Veredas*; The problem of power in the *Grande Sertão: Veredas*; The hero’s challenge in the *Grande Sertão: Veredas*; The two layer of an episode of *Grande Sertão: Veredas*

A MORTE DE JOCA RAMIRO: TRAIÇÃO E VINGANÇA

“Mataram Joca Ramiro!...”, foi o que gritou o Gavião-Cujo, o jagunço-mensageiro que chegava esbaforido à Tapera-Nhã, num momento em que o bando, distendido e em repouso, vivia o tédio da inação: “Os dias de chover feio foram se emendando. Tudo igual – às vezes é uma sem-gra-

cez. Mas não se deve tentar o tempo”. (Rosa, 1963, p. 279) ³ O lugar era o da Guararavacã do Guaicuí, que receberá depois o epíteto, “do nunca mais”. E o tempo era o das chuvas, das águas de fevereiro e março, o do “inverno do sertão”. O mensageiro, depois de intimado por Titão Passos a repetir o recado, acrescentou: “...Matou foi o Hermógenes...”, e narra a tocaia de que ele foi vítima e morto pelas costas, à traição. Aquele tempo de paz e regozijo num lugar aprazível havia acabado, e se iniciava outro, oposto; mas que não era também um simples retorno às antigas batalhas contra as forças do governo, aliadas ao bando de Zé Bebelo, que Joca Ramiro havia derrotado e levado a Julgamento. O tempo que se iniciava agora “Era a outra guerra”, “aquela luta de morte contra os Judas – e que era briga nossa particular”. (Rosa, 1963, p. 282 e 288) Embora ainda sofressem escaramuças das tropas do Governo, a principal luta de então seria contra uma parte do antigo bando do próprio Joca Ramiro, a comandada pelo Hermógenes e Ricardão. A partir dessa hora, disse Riobaldo, “descemos no canudo das desgraças” e em breve reconhecerá que haviam “descido na inferneira”. Ele deixa claro que viviam um momento de inflexão e de revezes, “o mundo nas juntas se desgovernava”. Porém seria também de determinação, uma luta de *busca da vingança*. Precipitavam-se, portanto, pela inclinação da face direita do trapézio, conforme a arquitetura de sustentação do livro por mim descrita num outro livro. (Roncari, 2004, pp. 263)⁴ Por ironia, os homens que ficaram leais a Joca Ramiro acabariam tendo como chefe o antigo inimigo que haviam derrotado e julgado: Zé Bebelo. Com isso, mudava o quadro da intriga, que foi assim sintetizado pelo herói-narrador, depois de enfrentarem os soldados:

Pois – aquela soldadama viera para o Norte era por vingar Zé Bebelo, e Zé Bebelo já andava por longes desterrado, e nisso eles se viravam contra a gente, que éramos de Joca Ramiro, que tinha livrado a vida de Zé Bebelo das facas do Hermógenes e Ricardão [no Julgamento]; e agora por sua ação, o que eles estavam era ajudando indireto àqueles sebaceiros. Mas, quem era que podia explicar isso tudo a eles, que vinham em máquina enorme de cumprir o grosso

3 Todas as citações do *Grande Sertão: Veredas* foram tiradas da 3ª. edição: Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963

4 Luiz Roncari. *O Brasil de Rosa: o amor e o poder*. 1ª. reimpressão revisada. São Paulo: Editora UNESP, pp. 261 “... A montagem de um tribunal para o julgamento de Zé Bebelo e os fatos ocorridos na Fazenda dos Tucanos compõem os dois esteios da arquitetura do *Grande Sertão*, a qual teria a forma de um trapézio e imitaria a figura das grandes chapadas dos Gerais. Esses dois episódios estão no centro físico, narrativo e temático do romance. [...] depois do julgamento e da passagem suave e plana pela Guraravacã do Guaicuí, os fatos conturbados da Fazenda dos Tucanos compõem como que o vértice direito da figura, iniciando a face que vem de cima para baixo [...] A narração inicia uma queda, os acontecimentos são mais concentrados, não se dispersam tanto como no início, se arrastam por várias ladeiras, mas todas conduzem para cada vez mais baixo, indo até os fundos do sertão, onde ocorrem as decisões fundamentais do herói, ‘descido na inferneira’”.

e o esmo, tendo as garras para o pescoço nosso mas o pensante da cabeça longe, só geringonciável na capital do Estado? (Rosa, 1963, pp. 286 e 287)

No tempo, o da República Velha, as tropas que davam combate à jagunçagem eram as estaduais e não as federais, como será depois de 1930, com “o pensante longe [...] na capital do Estado”, no caso, de Minas Gerais. Elas eram controladas pelos chefes políticos das oligarquias para combater e perseguir as milícias jagunças de outros membros delas mesmas, das que escapavam aos seus controles. No texto – para apreendermos como interferem nele a mão e as intenções do autor, como forma de acrescentar à tessitura do relato uma representação também mítico-simbólica –, mudará também a regência da luta ou o seu espírito. Ela deixará de ser a estável dos elementos de lugares definidos, *da terra e da água*, a da tradição de Medeiro Vaz, o touro de Dioniso, que morrerá logo, para assumir a instável dos elementos de mudança constante, *do fogo e do ar*, agora sob o comando de Zé Bebelo, depois do seu retorno do desterro, como um Hermes, após o curto comando de Marcelino Pampa:

Medeiro Vaz reinou, depois de queimar sua casa-de-fazenda. Medeiro Vaz morreu em pedra, como o touro sozinho berra feio; conforme já comparei, uma vez: touro preto todo urrando no meio da tempestade. Zé Bebelo me alumiou. Zé Bebelo ia e voltava, com um vivo demais de *fogo e vento*, zás de raio veloz como o pensamento da ideia – mas *a água e o chão* não queriam saber dele. (Rosa, 1963, p. 293, grifos meus)

A filiação taurina de Medeiro Vaz (que o radicava nas antigas famílias colonizadoras de sesmeiros), se coligava à de Joca Ramiro, que tinha sido também associado ao touro: “era como fosse um touro preto, sozinho surdo nos ermos da Guraravacã, urrando no meio da tempestade. Assim Joca Ramiro tinha morrido.” (Rosa, 1963, p. 281) A essa tradição, por pelo menos duas vezes, Zé Bebelo procurou se vincular, se auto-nomeando *Zé Bebelo Vaz Ramiro*; num certo momento, o próprio Riobaldo, que não deixava de olhá-lo sempre com alguma desconfiança, cobrou dele essa nomeação, “Por que é que o senhor não se assina, ao pé: *Zé Bebelo Vaz Ramiro*... como o senhor outrora mesmo declarou?”. (Rosa, 1963, pp. 91, 296 e 313 e 314) Isto, depois do chefe ter assinado as cartas que mandara Riobaldo escrever como “*José Rebelo Adro Antunes, cidadão e candidato*”. Ele fazia questão de realçar a sua condição republicana, “cidadão”, e política, “candidato”, o que não condizia bem com o antigo patriarcalismo imperial, zeloso de suas autonomias, como as de Medeiro Vaz e Joca Ramiro, e pelo que lutavam contras as tropas do Governo, que queriam derrota-los para submetê-los.

Da notícia fatídica da morte à traição até chegarem à Fazenda dos Tucanos, a narrativa condensa muitos fatos. Entre eles, os relatos dos trabalhos de reunião dos chefes e grupos jagunços que continuaram leais à Joca Ramiro e lutariam agora pela sua vingança; o enfrentamento

com um troço de soldados do Governo; a referência a alguns episódios importantes, porém já narrados anteriormente, como a passagem pela Fazenda Santa Catarina, onde Riobaldo conheceu Otacília, quando seu grupo buscava Medeiro Vaz, que assumiria o comando, até a sua morte e a volta de Zé Bebelo, durante a rápida chefia de Marcelino Pampa e a sua substituição; tudo entremeado por agudas reflexões do herói-narrador sobre a religião, um possível pacto com Deus, a paz, sua vida, seus amores e, principalmente, seu destino. Este tinha sido o tema da canção de Siruiz e do poema que ele próprio fez e silenciou, mas que então deve tê-lo recitado ao seu interlocutor, que o registrou e publicou: “Mas estes versos não cantei para ninguém ouvir, não valesse a pena”. (Rosa, 1963, p. 301). Algumas dessas passagens já foram também analisadas no volume anterior (v. Roncari, 2004, 1ª. reimpr. pp. 64 e pp. 76). Fica claro também que estavam na margem direita do São Francisco, e que, na perseguição ao bando do Hermógenes, o atravessaram, e a seqüência dos episódios se dará nos Gerais, na sua margem esquerda: “O Urucúia, suas abas. E vi meus Gerais!” .

Entre os tantos eventos aí condensados, num certo momento, o Alaripe, como o espelho da mosca azul do poema de Machado, diz a Riobaldo que ele próprio poderia ser um chefe, o que equivaleria, na ocasião, a ser o substituto de Joca Ramiro. Ele descarta logo a sugestão e não toca mais no assunto: “- Mano velho Tatarana, você sabe. Você tem sustância para ser um chefe, tem a bizzarria... – no caminho o Alaripe me disse. Desmenti. De ser chefe, mesmo, era o que eu tinha menos vontade.” (Rosa, 1963, pp. 283 e 284). Essa mesma possibilidade voltará a aparecer na seqüência dos fatos, mas num evento já relatado bem antes pelo herói-narrador – algo já ocorrido na fabulação, mas que deverá ainda acontecer na ordem dos eventos –, que foi quando da morte de Medeiro Vaz; o que ele descartou também, até um tanto enfurecido, afirmando: “Sou de ser e executar, não me ajusto de produzir ordens...”. (Rosa, 1963, p. 78) Mas só agora, na Fazenda dos Tucanos, essa questão do poder e da chefia ganhará maiores proporções, e chegará a se constituir no fundo mais substantivo do episódio que iremos analisar, pois tocará na própria natureza do Ser do herói, se considerarmos sua origem social e suas heranças familiares.

Quanto à economia narrativa, como na ordem dos acontecimentos, há aqui também uma rearticulação, “o mundo nas juntas se desgovernava”, como uma readaptação da forma ao seu novo conteúdo. O que apreciamos nesse interregno, entre o anúncio da morte de Joca Ramiro e a chegada do bando de Zé Bebelo à Fazenda dos Tucanos, é a necessidade de seu desembaralhamento. Quer dizer, de se desfazer o imbróglio que misturava episódios de tempos distintos e de recuperar alguns acontecimentos já relatados. Ocorre aqui um movimento de substituição da perspectiva de

simultaneidade pela de *seqüência*. Antes, o herói-narrador recuperava o que estava mais presente e vivo na superfície da memória, para contar ao seu interlocutor, aparentemente, o que à ela lhe vinha espontânea e desordenadamente. Para o autor, a intenção norteadora do até então relatado deve ter sido a dos eventos mais definidores do vivido para a formação do herói. Porém, muito da matéria a partir de agora será tirada do próprio narrado ou o subentende. Talvez por isso Riobaldo tenha dito ao seu interlocutor: “Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso”. (Rosa, 1963, p. 292) E é o que de certo modo ele faz, por isso temos que levar muito em conta o que foi dito, o já antecipado na narrativa, como o primeiro encontro com Otacília na Fazenda Santa Catarina e o episódio da morte de Medeiro Vaz, fatos de sua vida amorosa e guerreira. Eles são recuperados agora como elos importantes da cadeia narrativa, para lhe darem consistência e sentido. Seria isto, como se a experiência moderna da ordem subjetiva, mais próxima do nosso processo mnemônico, reproduzido na ordem narrativa que vinha sendo construída, sufragasse diante da determinação mais tradicional da necessidade de objetividade e sentido, da épica, que não tinha sido ainda superada? Uma volta à velha ordem?

E esses episódios ocorreram de fato ao longo desse percurso e num tempo relativamente breve, de fevereiro a maio, entre o “inverno do sertão”, seu tempo das águas, e a estação do inverno propriamente dita. A chegada desse novo tempo benfazejo, o outono-inverno do sertão, “era em maio”, é assim notavelmente resumida pelo herói-narrador:

Tomando o tempo da gente, os soldados remexiam este mundo todo. Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequí amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e caju nos campos. Ato que voltaram as tempestades, mas entre aquelas noites de estrelaria se encostando. Daí, depois, o vento principiou a entortar rumo, mais forte – porque o tempo todo da águas estava no se acabar. (Rosa, 1963, p. 287)

Esses fatos, porém, contrastavam com o ciclo no qual entravam. Para eles, abria-se um novo tempo de guerras: “Tenente Reis Leme nos escaramuçando: queria correr a gente a pano de sabre. Matou-se montanha de bons soldados”.

A CASA-GRANDE SITIADA

O lugar onde chegaram e acamparam, a Fazenda dos Tucanos, era uma antiga casa-grande, ainda do tempo do Império, recém abandonada

da. Ela tinha as mesmas características da casa-grande brasileira: a construção pesada e sólida, de paredes grossas e resistentes, feitas para durarem uma eternidade, com muitos cômodos e janelões, a varanda alta de onde os senhores poderiam apreciar em toda extensão a grande propriedade, a se perder no horizonte, e vigiarem seu mundo particular, de pátios interno e externo, com cruzeiro, senzala, capela, quando ela não se alojava dentro ou ao lado da própria casa, tulha, engenho, estábulo. Ela quase que não variava e expressava a altaneria e concentração de riqueza e poder do grande proprietário. O comendador Aires, quando relatou uma conversa que havia tido com Tristão, depois que este fez uma visita à fazenda Santa Pia, de Fidélia, disse: “o principal assunto foi a visita de Tristão a Santa Pia, que ele achou interessante como documento de costumes. Gostou de ver a varanda, a senzala antiga, a cisterna, a plantação, o sino. Chegou a desenhar alguma coisa.”⁵ Eram de fato “costumes” bem brasileiros, respeitáveis, apreciáveis a partir da varanda, como a senzala antiga, a cisterna e a plantação postas em funcionamento e controladas pelas batidas do sino, que além de marcar as horas, também os deviam abençoar.

O bando de Zé Bebelo se estabeleceu nos cômodos e outros edifícios coligados à casa. Riobaldo se recuperava de um ferimento a bala que sofrera na refrega com os soldados. Entretanto, três dias depois de estarem ali, bem acomodados, eles ouvem tiros e se dão conta de que sofrem um cerco dos inimigos que perseguiram. De modo que a situação se inverte e, de perseguidores, se tornam então nos acossados. A partir daí, podemos acompanhar praticamente duas histórias que se desenvolvem simultaneamente e se entrecruzam. Uma primeira, de ação e luta, épica, e outra, como uma sub-história, dramática, restrita às relações do herói e às suas dissonâncias e o seu entreviro com Zé Bebelo. A principal e mais visível era a da luta de vida e morte entre os jurados de vingança, leais a Joca Ramiro, e os homens do Hermógenes e Ricardão, que os cercam e encurralam. O relato é uma história da cidade sitiada, só que aqui como uma *Ilíada* invertida; quer dizer, o leitor acompanhará a luta não a partir dos que cercam a cidade, que seria a posição dos gregos, mas dos que foram sitiados, no caso, a dos troianos. Isto inverte a perspectiva, da dos que atacam para a dos que se defendem. O que significa que essa luta será vista não a partir dos que querem matar, mas dos que lutam para não morrer e são obrigados a conviver com os próprios mortos e a morte. Eles não podem evitar a sua presença, que se faz sentir com as moscas esvoaçando e o mal-cheiro insuportável. Desse modo, além do inimigo externo, eles tinham também que resistir a um interno e próximo, que

5 Machado de Assis. *Memorial de Aires*. Edições críticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1977, p. 161

era a própria morte ali vizinha, a dos companheiros abatidos. Estes, eles amontoam e enclausuram num pequeno quarto, porém nada detinha o mau-cheiro que exalavam. Essa era uma história de guerra, de enfrentamento entre dois grupos que se mediam. Entretanto, o confronto não será apenas entre as suas forças, mas também entre os seus poderes de chefia: da capacidade de comando e de astúcias do chefe ou dos chefes de cada um. Será aí que reconheceremos Zé Bebelo, o seu poder de pensamento e projeto, de previsão das ações do inimigo e de buscas de saídas e surpresas. Mais do que a força, será a astúcia do chefe que sobressairá. Esse dote de Zé Bebelo já havia sido antecipado pelo herói-narrador, antes ainda de chegarem à Fazenda dos Tucanos:

A verdade que com Diadorim eu ia, ambos e todos. Além de que Zé Bebelo comandava. – ‘Ao que vamos, vamos, meu filho, Professor: arrumar esses bodes na barranca do rio, e impor ao Hermógenes o combate...’ Zé Bebelo preluzia, comedindo pompa com sua grande cabeça. Assim de loguinho não aprovei, então ele imaginou que eu estava descrendo. – ‘Agora coage tua cisma, que eu estou senhor dos meus projetos. Tudo já pensei e repensei, guardo dentro daqui o resumo bem traçado!’ – e ele pontoava com dedo na testa. Acreditar eu acreditasse, não duvidei. O que eu podia não saber era se eu mesmo estava em ocasiões de boa-sorte”. (Rosa, 1963, p. 303)

O contraste entre Zé Bebelo e Riobaldo é aqui exposto como entre extremos. Enquanto Zé Bebelo assumia o comando como sujeito de pensamento, “pensei e repensei”, e projeto, “senhor dos meus projetos”, “guardo dentro daqui o resumo bem traçado”, são as qualidades enfatizadas, Riobaldo é mostrado como um sujeito que ainda se sentia dependente da sorte ou do destino, “O que eu podia não saber era se eu mesmo estava em ocasiões de boa-sorte”. Não era outra coisa que lhe tinham dito a canção de Siruiz e seu próprio poema silenciado, “quando vou pra dar batalha/ convidado meu coração”, “Vida é sorte perigosa/...toda noite é rio-abaixo,/ todo dia é escuridão...”. (v. Roncari, 2004, pp. 76)

A CONSTITUIÇÃO DO SER

A outra história ou sub-história, a dramática, é a que se desenvolve entre o chefe sagaz, Zé Bebelo, e o jagunço desconfiado, Riobaldo – entre o poder de comando do primeiro e as suspeitas do segundo. O que se desenrola aqui continua de certo modo a sub-história vivida pelo herói durante o episódio do Julgamento. (v. Roncari, 2004, pp. 261) Só que nesse momento, Riobaldo ainda estava procurando definir as suas afinidades entre os vários partidos e chefes do bando de Joca Ramiro, para ver que caminhos e modelos seguir. Agora, tudo isso já estava mais ou menos resolvido pelo herói, e a sua sub-história emerge e se torna como uma espi-

nha dorsal do episódio, pois ela é recorrente e tem um desenvolvimento próprio. O herói já sabe bem de que lado está, e o que se coloca para ele é algo mais grave: sentirá que o desafio a enfrentar será o de superar a sua condição de simples “braço d’armas” ou jagunço subordinado, com o que havia sempre se conformado. Ele terá agora que transcender a sua própria condição de origem e classe e ocupar uma outra, como um intruso, a de mando, o que sempre havia recusado.

Enquanto os dois bandos guerreiam entre si, haverá um outro embate, que se dará entre Riobaldo e Zé Bebelo, de um inteiramente avesso à chefia e outro em tudo adaptado ao comando. Ele se dará na maior parte do tempo subterraneamente, mas se explicita em alguns momentos. De certo modo, ele terá mais conseqüências para a continuidade do romance do que a luta mais aparente, e será sobre os passos desse pequeno confronto que nos deteremos. A batalha principal travada ali tem um grande valor expressivo e em si, como a força com que nos toca e aos dois grupos jagunços a matança dos cavalos e as suas agonias, porém elas servem mais para revelar a ferocidade dos combatentes e as suas destrezas e artimanhas do que contribuem para o desenvolvimento do enredo. Enquanto que o enfrentamento entre Riobaldo e Zé Bebelo desencadeia um processo que obrigará o herói a mudanças, a partir da própria consciência de si e de seu outro, o que coloca para ele a urgência de certas decisões, que serão fundamentais para a continuidade da ação do romance.

Foi um ato de astúcia de Zé Bebelo que acentuou no herói a desconfiança que tinha dele, até então apenas intuída, e a tornou mais aguda. Foi quando, no grosso da batalha, o chefe o chamou para escrever umas cartas. Cuidar das letras numa hora que era a das armas, ser chamado para escrever quando o que deveria era atirar! Isto causa espanto ao herói, mais ainda quando as missivas deveriam ser remetidas às autoridades militares e civis das cidades da região: comandante das forças militares, juiz da comarca, presidente da câmara, promotor, gente dos poderes que os combatiam, encarceravam e matavam. Ele acata as ordens de Zé Bebelo, mas com total desagrado, e por melhor que este lhe explicasse a sua agudeza: que a intenção era a de avisar os soldados onde estavam para que viessem e atacassem pelas costas as forças do Hermógenes e Ricardão, e, com a surpresa dos soldados sobre os que os cercavam, eles poderiam encontrar uma brecha pela qual se aproveitariam para fugir. Foi o que de fato aconteceu, com os homens de Zé Bebelo ajudados ainda pela trégua firmada com os inimigos, após a vinda dos soldados. Porém, antes disso, quando tudo ainda estava confuso e convulsionava Riobaldo e o fluxo verbal de seu pensamento, “em chão, em a-cu acôo de acuado?! Um rôr de meu sangue me esquentou a cara”, ele tomou certas decisões que o fizeram crescer e se sobrepujar. Nesse momento limite do herói, diante de tudo o que era e havia sido, decidiu que cumpriria Zé Bebelo se

a sua desconfiança se realizasse, de que, se “ele fizesse feição de trair, eu abocava nele o rifle, efetuava”. Entretanto, a coisa não era tão simples, pois estaria matando o chefe, o que tornava o posto vago e seria ele que teria de assumi-lo, o que sempre tinha evitado e para o que não havia sido formado. Mas o herói decide que daria mais esse passo, “Matava, só uma vez. E, daí... Daí eu tomava o comandamento, o competentemente – eu mesmo! – e represava a chefia, forçando os companheiros para a impossível salvação”. (Rosa, 1963, pp. 315 e 316)

Com esse ato destemido de coragem, ele transitava da agonia da resolução necessária à euforia da decisão tomada, e sentia aí a alegria do investimento de ter-se afirmado, o que quase o transformava num outro sujeito. Então ele exclama por três vezes o próprio nome: “E eu mesmo senti, a verdade de uma coisa, forte, com a alegria que me supriu: - eu era Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo!”. Justamente quem, que, num outro momento, pouco mais adiante, como veremos, dirá: – “Pois é, Chefe. E eu sou nada, não sou nada, não sou nada...”.

Porém, a primeira resolução, a afirmativa, que o alegrara e tranqüilizara, teve para ele um alto significado e do que ele tinha toda consciência, quando disse: “na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto”. De modo que, com essa nova confiança ele partiu com coragem para o confronto com o chefe e ocorreu entre ambos um diálogo forte, que, pela sua centralidade, será importante reproduzirmos e apreciarmos:

– “O senhor, chefe, o senhor é amigo dos soldados do Governo...”

E eu ri, ah, riso de escárneo, direitinho; ri, para me constar, assim, que de homem ou de chefe nenhum eu não tinha medo. E ele se sustou, fez espantos.

Ele disse: – “Tenho amigo nenhum, e soldado não tem amigo...”

Eu disse: – “Estou ouvindo.”

Ele disse: – “Eu tenho é a Lei. E soldado tem é a lei...”

Eu disse: – “Então, estão juntos.”

Ele disse: – “Mas agora minha lei e a deles são às diversas: uma contra a outra...”

Eu disse: – “Pois nós, a gente pobres jagunços, não temos nada disso, a coisa nenhuma...”

Ele disse: – “Minha lei, sabe qual é que é, Tatarana? É a sorte dos homens valentes que estou comandando...”

Eu disse: – “É. Mas se o senhor se reengraçar com os soldados, o Governo lhe repraz e lhe premeia. O senhor é da política. Pois não é? Ô gente – deputado...”

Ah, e feio ri; porque estava com vontade. Aí pensei que ele fosse logo querer o a gente se matar. A sorte do dia, eu cotucava. Mas ruim não foi. Zé Bebelo só encurtou o cenho, no carregoso. Fechou a boca, pensou bem.

Ele disse: - “Escuta Riobaldo, Tatarana: você por amigo eu tenho, e te aprecio, porque vislumbrei tua boa marca. Agora, se eu achasse o presumido, com certeza, de que você está desconcordando de minha lealdade, por malícias, ou de que você quer me aconselhar canalhagem separada, velhaca, para vantagem minha e sua... Se eu soubesse disso, certo, olhe...”

Eu disse: - “Chefe, morte de homem é uma só...”

Eu tossi.

Ele tossiu.

Diodolfo, correndo vindo, disse: - “O Jósio está morrendo, com um tiro no pescoço, lá dele...”

Alaripe entrou, disse: - “Eles estão querendo pôr mãos e pés no chiqueiro e na tulha. Se assanham!”

Eu disse: - “Dê as ordens, Chefe!”

Eu disse gerido; eu não disse copiável. (Rosa, 1963, pp. 316 e 317)

Depois da ousadia do herói, de explicitar toda a sua desconfiança e afrontar o chefe, o que Zé Bebelo, astutamente, colocou para ele foi que a mesma desconfiança ele poderia ter dele, de que Riobaldo também poderia estar com alguma tramóia, de querer também tirar vantagem da situação: “me aconselhar canalhagem separada, velhaca, para vantagem minha e sua”. Isso soou para Riobaldo como um desafio, que aceitou e não recuou; porém, talvez em benefício de ambos, que chegaram até perto do enfrentamento e poderiam ali se matar, os acontecimentos da guerra se precipitaram e eles voltaram para ela. Entretanto, a partir daí, do momento em que estiveram à mesma altura, olho no olho, dito no dito, parecia que as coisas entre eles tinham se desanuviado e foi o herói mesmo, ele que havia iniciado o confronto, que fez questão de repor as posições de cada um no seu lugar, quando pediu: “- ‘Dê as ordens, Chefe!’” Um passo importante havia sido dado por ele, que valia como alerta a Zé Bebelo e o aquietava; entretanto, tinha ainda um longo caminho a percorrer.

Pouco depois, em pleno combate, quando uma borboleta azul-esverdeada entrou pela janela, como um momento suave de encanto e lirismo em meio às hostilidades (fato que nos lembra muito quando, num momento significativo e delicado, uma borboleta preta entra pela janela de Brás Cubas e ele a mata, e diz que gostaria que ela fosse azul: “por que diabo não era ela azul?”), e Riobaldo a sentiu como “Ela era a paz”, Zé Bebelo chegou até ele e o chamou de Urutu Branco e de “Cobra voadeira”, associando-o à ferocidade da serpente e à guerra, e disse que um dia entraria com ele “no triunfal, na forte cidade de Januária...”.⁶

6 Esse fato nos lembra muito quando, num momento significativo e carregado de contraditoriedades

O herói se aproveitou disso para apenas interiormente revelar agora *as suas diferenças*, como se ele optasse mais pelo que significava a borboleta do que a cobra. Enquanto Zé Bebelo mostrava as suas aspirações de guerra, conquista e poder, Riobaldo enxergava na Januária apenas as suas possibilidades de vida civil e pacífica. A cidade não era para ele um grande troféu a ser conquistado, “no triunfal”, mas um lugar ameno e urbano, para ser fruído nos encantos e nas alegrias da convivência civilizada:

E, desde, naquela hora, a minha idéia se avançou por lá, na grande cidade de Januária, onde eu queria comparecer, mas sem glórias de guerra nenhuma, nem acompanhamentos. Alembrado de que no hotel e nas casas de família, na Januária, se usa toalha pequena de se enxugar os pés; e se conversa bem. Desejei foi conhecer o pessoal sensato, eu no meio, uns com seus pagáveis trabalhos, outros em descanso comedido, o povo morador. A passeata das bonitas moças morenas, tão socialmente, alguma delas com os cabelos mais pretos rebrilhados, cheirando a óleo de umbuzeiro, uma flor airada enfeitando o espírito daqueles cabelos certos. À Januária eu ia, mais Diadorim, ver o vapor chegar com apito, a gente esperando toda no porto. Ali, o tempo, a rapaziada suave, cuidando nos alambiques, como perfeito se faz. Assim essas cachaças – a vinte-e-seis cheirosa – tomando gosto e cor queimada, nas grandes dornas de umburana. (Rosa, 1963, pp. 319 e 320)

Se, anteriormente, Riobaldo havia se esforçado para se colocar à altura do Chefe e aproximar-se de sua posição, agora ele se demorava para mostrar as suas diferenças, pelo menos por enquanto, no que tocava aos sonhos e às aspirações de vida. Estavam juntos na guerra, mas tinham se não projetos, desejos de futuro e disposições anímicas distintas, sendo as do nosso herói bastante familiares e acomodáticas, para não dizermos pequeno-burguesas. A percepção dessas diferenças pelo herói tendem a se acentuar. Após a matança dos cavalos, Riobaldo começa a desconfiar de um urucuiano, Salústio, que não saía do seu lado e pensa que fora Zé Bebelo que o tinha deslocado para lá para vigiá-lo ou se aproveitar de alguma oportunidade para matá-lo. Mas ele conclui que era apenas para vigiá-lo, pois reconhece que Zé Bebelo carecia tanto dele como ele do chefe, que cada um cumpria uma função diferente e o melhor a fazer, naquelas circunstâncias, seria ele aprender também a que era própria do chefe: pensar e projetar, “pensar com poder”, diz ele por duas vezes, possivelmente, um pensar com *poder de ação*.

e cinismos, uma borboleta preta entra pela janela de Brás Cubas e ele acaba matando-a. Então ele se pergunta, como se tivesse encontrado uma justificativa para seu ato de crueldade: “- Também, por que diabo não era ela azul?” E o leitor se pergunta: se fosse assim, será que teria sido mais delicado com ela? Machado de Assis. *Obra Completa, Volume I*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1971, p. 552

Mas Zé Bebelo carecia de mim, enquanto o cerco de combate desse de durar. Traidor mesmo traidor, e eu também não precisava dele – da cabeça de pensar exato? Ao que, naquele tempo, eu não sabia *pensar com poder*. Aprendendo eu estava? Não sabia *pensar com poder* – por isso matava. Eu aqui – os de lá do lado de lá. (Rosa, 1963, p. 327, grifos meus)

E as diferenças não paravam por aí, a de ser próprio de um pensar e a guerra e a de outro executar e a paz. Zé Bebelo, como a encarnação do próprio Hermes e a abelha, era chefe o tempo todo, não parava a sua atividade nunca, atuava sem descanso, talvez nem mesmo dormisse, controlava tudo e procurava prever o futuro, aquilo que poderia salvá-los ou perdê-los, “porque Zé Bebelo era a perdição, mas também só ele podia ser a salvação nossa”.

Contra o quanto, ele lavorava em firmes, pelo mais pensável, não descumpria de praxe nenhuma. Determinou pessoal, para sono e sentinela, revezados. Onde perto de cada um dormindo, um parava acordado. Outros rondavam. Zé Bebelo, mesmo, ele não dormia? Sendo esse o segredo dele. Dava o ar de querer saber o mundo universo, administrava. (Rosa, 1963, p. 329)

Com a presença do Salústio como uma sua sombra, a desconfiança de Riobaldo foi num crescendo, “tinha perdido toda minha fiança”. Até que uma hora ele se pôs a falar meio gaguejante, como um possuído, e se refere ao urucuiano e sugere coisas que afrontavam novamente Zé Bebelo. Este o mirou de frente e disparou, se impondo e chamando-lhe a atenção: “- “Ao silêncio, Riobaldo Tatarana! Eh, eu sou o Chefe!?!...” Aí o herói disse que avistou os seus perigos, como se tivesse encontrado os próprios limites, as pernas pareciam “estremecer para amolecer” e perguntou para si mesmo se ele não se constituía em sujeito bastante “para enfrentar a chefia de Zé Bebelo?” Ele desvia seu olhar do do chefe e foge dele. Mas procurou, antes, encontrar no outro o lugar, “pinta de lugar, titiquinha de lugar”, onde poderia dar-lhe um tiro certo, como só ele era capaz de fazer. Foi então que reencontrou a calma e ouviu a própria voz, como se fosse a de um outro, porém sendo a dele mesmo, uma espécie de desdobramento da sua pessoa que, anteriormente, havia por três vezes se afirmado, “Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo!”, mas só que desta vez a sua voz dizia: “- Pois é, Chefe. E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada...” (Rosa, 1963, p. 331) Agora ele se auto-anulava inteiramente e reduzia-se a nada, porém saía também com a certeza de que havia estabelecido os limites entre eles, “eu havia marcado”, de que um deveria levar em conta o outro e se preocupar com ele.

A um jeito de se escapar dali, a gente, a salvos? Zé Bebelo era a única possibilidade para isso, como constante pensava e repensava, obrava. E eu cri. Zé Bebelo, que gostava sempre de deixar primeiro tudo piorar bem, no complicado. Um gole de cachaça me deu bom conselho. Sem a vinda dos soldados – se viessem – a gente não estava perdidos? Zé Bebelo não era quem tinha chamado os soldados? Ah, mas, agora, Zé Bebelo não ia mais trair, não ia – e isso só por minha causa. Zé Bebelo carecia de rédeas de um outro diverso poder e forte sentir, que tomasse conta, desse rumo a ele. Assim eu estava sendo. Eu sabia. (Rosa, 1963, p. 336)

Ele reconhecia que Zé Bebelo reunia à força a inteligência, o poder de astúcia, coisa que ele não tinha, mas precisava aprender. E o que lhe trazia a calma era a consciência que tomava de que ele mesmo também se constituía num poder ou num contra-poder, um poder segundo, mas que punha limites ao poder do outro, e que o caminho a seguir seria a resultante da tensão entre ambos. Isto mudava o próprio estatuto do sujeito que ele era, agora sim ele passava a ser um sujeito de fato, “eu estava sendo”, e ganhava consciência disso, “Eu sabia”.

Logo Riobaldo irá perceber que havia entrado num processo que não seria tão fácil parar. Ele sabia que havia se constituído num sujeito inteiro, que agora era alguém, e, pela sua força ou seu poder de tiro, se reconhecia como “o tutor dele”, mas ainda era “o segundo”. Todavia, dependendo do comportamento de Zé Bebelo, ele poderia ter de inverter as posições e ocupar o seu lugar e transformá-lo sim, o chefe, no seu segundo. Aí o herói reconheceu os seus limites de formação, a sua falta de poder de mando e autoridade, ou seja, da capacidade de conseguir transformar a sua vontade na vontade do outro, “eu não tinha o tato mestre, nem a confiança dos outros, nem o cabedal de um poder – os poderes normais para mover nos homens a minha vontade” (Rosa, 1963, pp. 346 e 347). Riobaldo via nisso um vazio que não sabia como suprir, sem dizer da sua falta também de discurso e capacidade de persuasão, do poder de convencer o outro das suas razões: “os homens não iam me obedecer, nem de me entender eles não eram capazes”. Reconhecia as suas limitações e faltas, mas sabia que precisava superá-las e só não sabia como. Era isto agora que o inquietava e angustiava interiormente e o fazia admirar-se de si mesmo, estranhando-se e surpreendendo-se consigo: “O que é que uma pessoa é, assim por detrás dos buracos dos ouvidos e dos olhos?” A angústia, porém, não o paralisava, “as pernas não estavam”, ele tinha consciência de si, do que era e de suas virtualidades, “era eu ser tudo o que fosse para eu ser”. Porém, apenas a força e a auto-consciência não bastavam para as urgências da situação; ele ainda tinha muito que aprender e se capacitar para se superar.

Dele de perto não saí, a atenção e ordem ele recomendava. O cano de meu rifle era tutor dele? Antes de minha hora, no que ele mandasse opor e falasse eu não podia basear dúvidas. Mas, desde vez, aquilo a vir gastava

as minhas forças. Ali – sem vontade, mas por mais do que todos saber – eu estava sendo o segundo. Andando que Zé Bebelo falecesse ou trastejasse, eu tinha de tomar assumida a chefia, e mandar e comandar? Outro fosse – eu não; Jesus e guia! É baixo, os homens não iam me obedecer; nem de me entender eles não eram capazes. Capaz de me entender e de me obedecer, nos casos, só mesmo Zé Bebelo. A jus – pensei – Zé Bebelo, somente, era que podia ser o meu segundo. Estúrdio, isso, nem eu não sabendo bem por quê, mas era preciso. Era; eu o motivo não sabendo. Se fiz de saber, foi pior. O que é que uma pessoa é, assim por detrás dos buracos dos ouvidos e dos olhos? Mas as pernas não estavam. Ah, fiquei de angústias. O medo resiste por si, em muitas formas. Só o que restava para mim, para me espiritar – era eu ser tudo o que fosse para eu ser, no tempo daquelas horas. Minha mão, meu rifle. As coisas que eu tinha de ensinar à minha inteligência. (Rosa, 1963, p. 337) ⁷

A HORA DA RAZÃO PRÁTICA

Uma vez encaminhada a situação com a chegada dos soldados e o compromisso de trégua firmado com o bando do Hermógenes, abriu-se um espaço de reflexão para Riobaldo. Guerreavam, e ele perguntava não só pela razão da guerra, que estava dada, a morte de Joca Ramiro à traição, mas também pelo seu sentido, onde queriam chegar além da vingança? Ele reconhecia o ódio que movia Diadorim e como Zé Bebelo se transformava em seu instrumento de execução; porém, e ele? Fazia para si mesmo uma pergunta enfática: “eu – eu, mesmo eu”? Ele se sabia ser diferente do Hermógenes, porém, comparando, o era também de Zé Bebelo; a sua razão não se satisfazia, como para o chefe, com o “útil, o seco, e a pressa”.

O ódio de Diadorim forjava as formas do falso. Ódio a se mexer, em certo e justo, para ser, era o meu; mas, na dita ocasião, eu daquilo sabia só a ignorância. À-toa, até, eu estava relembando o Hermógenes. Assim, pensando no Hermógenes – só por precisão de com alguém me comparar. E, com Zé Bebelo, eu me comparar, mais eu não podia. Agora, Zé Bebelo, eu – eu, mesmo eu – era quem estava botando debaixo de julgamento. Isso

7 Um comentário de Brachtendorf sobre a leitura de Heidegger da questão do sujeito em Santo Agostinho, pode nos dar algum subsídio para compreendermos essa preocupação consigo mesmo de Riobaldo, de caráter também existencial, entre a angústia e o medo, e o processo identitário vivido por ele: “Segundo Heidegger, é sobretudo pela angústia que o *Dasein* [a existência] é arrancado de sua orientação segundo coisas disponíveis e lançado de volta ao fato de que ele é e tem de ser si mesmo. Na angústia, o *Dasein* se abre de maneira privilegiada. É preciso distinguir a angústia do medo, pois enquanto este se dirige a um ente concreto, intramundano, aquela põe em questão o ser-no-mundo como tal e, com isso, põe em relevo o *Dasein* como um *Dasein* que tem de se realizar como ser-no-mundo. A angústia isola o *Dasein*, resgata-o da queda no impessoal e lhe torna evidente a propriedade como possibilidade de seu ser.” (Brachtendorf, 2012, p. 234)

ele soubesse? Ah, naquela cabeça grande, o que Zé Bebelo pensava era o útil, o seco, e a pressa. (Rosa, 1963, p. 343)

Zé Bebelo decidia e resolvia; porém, para Riobaldo ficavam ainda a dúvida e as perguntas: “Mandava a vontade de um, sabente de si. Zé Bebelo mandava, ele tinha os feios olhos de todo pensar. A gente preenchia. Menos eu; isto é – eu resguardava meu talvez”. O que o incomodava agora não era apenas a possibilidade de traição de Zé Bebelo, de se combinar com os soldados e voltarem-se depois contra o próprio bando, mas a razão moral, o valor e o sentido de tudo aquilo, que ele sabia não ser uma luta entre bons e maus, justos e injustos, mas uma luta entre homens iguais, de jagunço contra jagunço. Assim ele se via entrando num redemoinho sem fim de hostilidades recíprocas entre iguais, “guerra e guerras”. Quando o embaixador do bando do Hermógenes veio propor a eles uma trégua e Riobaldo reconheceu nele, Rodrigues Peludo, os mesmos valores de valentia e lealdade que norteavam os de seu grupo, isso levantou nele algumas dúvidas que tocavam na natureza mesma de suas ações e de seu próprio ser, jagunço:

Mas, de tudo seja, também, o que gravei, aí, desse Rodrigues Peludo, foi um ter-tem de existidas lealdades. Assim que, inimigo, persistia só inimigo, surunganga; mas enxuto e comparado, contra-homem sem o desleixo de si. E que podia conceber sua outra razão, também. Assim que, então, os de lá – os judas – não deviam de ser somente os cachorros endoidecidos; mas, em tanto, pessoas feito nós, jagunços em situação. Revés – que, por resgate da morte de Joca Ramiro, a terrível que fosse, agora se ia gastar o tempo inteiro em guerras e guerras, morrendo, matando, aos cinco, aos seis, aos dez, os homens todos mais valentes do sertão? Uma poeira dessa dúvida empoeou minha ideia – como a areia que a mais fininha há. (Rosa, 1963, pp. 341 e 342)

Havia isso, a razão moral e o sentido das coisas, porém havia também a situação, “jagunços em situação”, quer dizer, poderia ser que não tivessem nascido jagunços e sim se feito jagunços. E era esta circunstância que testaria o poder de chefia e decisão, e o que decidiria o embate entre ele e Zé Bebelo. Riobaldo oscila e hesita, desconfia de si mesmo e de sua capacidade de mando e autoridade, de transformar a sua vontade na vontade do outro: “Ali eu era o indêz? Noção eu nem acertava, de reger; eu não tinha o tato mestre, nem a confiança dos outros, nem o cabedal de um poder – os poderes normais para mover nos homens a minha vontade.” E reconhece que a sua nulidade, “o indez”, no domínio de certas artes para o mando e a chefia eram exclusivas de seu outro: “Ali eu não tinha risco. Ali alguém ia me chamar de Senhor-meu-muito-rei? Ali nada eu não era, só a quietação. Conto os extremos? Só esperei por Zé Bebelo: - o que ele ia achar de fazer, ufano de si, de suas proezas, malazarte.” (Rosa, 1963, pp. 346 e 347)

Enquanto Riobaldo se preocupava apenas com eles na situação em que se encontravam, no que iriam fazer e se Zé Bebelo os trairia ou não, este

procurava antes prever também o que os homens do Hermógenes e os soldados fariam. Quando o chefe lhe perguntou isso, o que ele achava que os da banda contrária iriam fazer, Riobaldo retrucou dizendo querer saber “o que é que a gente, agora vai fazer?” Aí Zé Bebelo procurou mostrar para ele o que poderiam estar fazendo os homens do Hermógenes para fugirem dos soldados e onde estes deveriam estar se postando para um combate. Era um quadro hipotético, que estava muito além da visão curta e imediata do herói, e era a partir dessa sua capacidade de previsão que encontrava uma brecha por onde poderiam passar e escapar de um e outro. E disse estar na hora, quando anoitecia, de fazerem isso, “sem tardada”, antes da saída da Lua que poderia denunciá-los na fuga.

Saindo para a escapada, Riobaldo colocou para si mesmo o dilema, se perguntando quem é que teria vencido o embate: se ele, que havia impedido Zé Bebelo de trair, ou este, cuja astúcia os havia salvo: “Ao que, já se estava no ponto. Anoitecido. A uma estrela se repicava, nos pretos altos, o que vi em virtude. A estrelinha, lume, lume. Assim – quem era que tinha podido mais? Zé Bebelo, ou eu? Será, quem era que tinha vencido?” (Rosa, 1963, p. 348) Foi a confissão de Zé Bebelo que lhe deu a resposta. O chefe atribuía a si próprio um gesto de desprendimento e grandeza – o que revelava a sua auto-estima elevada, mas também a baixa disposição para a auto-crítica –, como de quem houvesse sacrificado os próprios projetos e interesses pela salvação do grupo. Porém, para Riobaldo, a confissão só vinha comprovar o acerto de suas desconfianças, pois estava mesmo no horizonte do chefe a possibilidade de traição. Dava empate? Parece que não. Zé Bebelo comprovava o seu poder de chefia e astúcia, havia sido ele o mentor da trama que dera certo e o sujeito capaz de encontrar para eles uma saída e a salvação. Mas, para Riobaldo, crescia nele a consciência de si e da necessidade de se inverter a situação, de tornar-se ele o primeiro e assumir a chefia. Estava aprendendo e sendo, sentia a proteção da Lua e da Santa, mas parecia que dependia ainda de algum milagre para acabar a constituição de seu ser:

E Zé Bebelo, segredando comigo, espiou para trás, observou assim, pegando na minha mão: - “Riobaldo, escuta, botei fora minha ocasião última de engordar com o Governo e ganhar galardão na política...” Era verdade, e eu limpei o haver: ele estava pegando na mão do meu caráter. Aí, aclarava – era o fornido crescente – o azeite da lua. Andávamos. Saiba o senhor, pois saiba: no meio daquele luar, me lembrei de Nossa Senhora. (Rosa, 1963, p. 350)